

ASSIGNATURA  
 POR MEZ ..... \$500  
 PAGOS ADIANTADOS

# VANGUARDA

ORGÃO NEUTRO

ASSIGNATURA  
 POR UM ANNO ... \$3000  
 PAGOS ADIANTADOS

*Toda correspondencia será enviada ao escriptorio da typographia, praça da Matriz.*

## VANGUARDA

Crato, 21 de julho de 1887

Está funcionando a assemblea legislativa provincial. Nos bellos e felizes tempos da nossa innocencia o facto tinha elevada significação politica; tinha um grande alcance; más hoje, sem offensa a esta ou áquella corporação, tendo somente em consideração a verdade que está na consciencia publica, de que essas corporações tem abdicado de sua autonomia propria, ora sujeitando-se a vontade e a imposição dos regulos, ora entregando-se pura e simplesmente as paixões e interesses partidarios, força é convir que em taes condições, pouco ou quasi nada se deve esperar dos nossos legisladores provinciaes! . . . .

Dolorosa confissão é esta á que somos forçados, principalmente quando vemos com assento na desta Provincia distinctos cidadãos, aos quaes não faltão os meios de fazer o-bem publico; más que jungidos ao círculo de ferro das fataes conveniencias, nada fazem, acabão pela mais triste das humilhações qual a de subscreverem tudo quanto lhes imponham! . . . .

Essa posição assim degradante dos representantes da provincia tem sido a causa immediata das calamidades, das decepções porque estão ellas passando assóberbados por immenso deficit cada uma e a braços com um sem numero de outras dificuldades que as arrastarão indubitavelmente ao mais triste e deploravel estado.

A muito que não se legisla se não no interesse partidario, no interesse da facção, que tem a maioria d'assemblea e uma ou outra pequena cousa boa de alcance secundario, embora, que escapa ao cataclysmo, não merece a pena ser referida pelo pouco ou quasi nenhum resultado que traz ao bem publico.

Em conclusão: as assembleas provinciaes

podem fazer tudo menos o bem da provincia que ellas representam.

Pelo modo porque a cousa marcha á muitos annos no Paiz, com certeza dariamos o nosso voto para que a instituição fosse acabada; para nós seria melhor não possuil-a do que possuil-a assim humilhada e destiada do fim para que foi creada; alem de que os cofres publicos pouparião um bom cobre, o cobre que se gasta para sustental-a.

Más esse estado de cousas constitue uma afronta permanente a dignidade de cada provincia, o que não pode ser eternamente tolerado! Mas esse estado de cousas torna-se fonte permanente de calamidades publicas, que não podem deixar de provocar a repulsa das provincias:

Já é para causar horror a historia das assembleas provinciaes neste paiz —, e sem correctivo, como vão marchando as cousas, amanhã será ainda peor, se peor for possível ainda fazer-se — Me perguntarão: qual o remedio para tão grandes males? E eu responderei que o remedio está na emancipação do cidadão, que deve quebrar as cadeias de ferro que o manietão a um centro ante-patriotico, inconsciente, ambicioso e interesseiro sem limites — Escolha-se representantes desligados desses centros, que recebam o mandato immediatamente das mãos dos seus concidadãos e então ferem representantes; mas assim levando o estorbo de um partido, jungido as suas conveniencias, nada se deve esperar do eleito, que não fica sendo mais do que o escolhido de um homem a que se dá o nome de chefe — Quando fallamos dos partidos, não se pense que somos infensos a idéas dos partidos, queremos os partidos regulares que representam a opinião, que sustentão ideas proprias, como se dá na Inglaterra, na Belgica e em outros paizes, mas os que temos entre nós, esses não valcni nada, nada representam; faz-se preciso que todo o cidadão no intuito do bem servir a causa publica vá separando o joio do trigo, vá

deixando esses partidos já tão condemnados pela opinião, e assim mesmo impertinentes em sustentarem as suas mentiras — Basta de enganar.

## NOTICIARIO

**Hospede.** — Esteve entre nós o Ill<sup>mo</sup>. Sr. cap<sup>to</sup>. Luiz Leonidas de Lacerda Leite, chefe do partido liberal de Lavras.

— S. S<sup>o</sup>. hospedou-se em casa do Sr. Dr. Garcia.

**Photographo.** — O distincto photographo, o Sr. Manoel Biserra de Mello brevemente chegará a esta cidade onde demorar-se-ha alguns dias.

Presentemente está na cidade de Iguatú, de onde, segundo communicam-nos, virá para aqui.

O Sr. Mello o anno passado esteve entre nós e deixou boas recordações, já como artista perito na sua profissão, já como cavalheiro estimavel.

É digno do melhor acolhimento.

**Força publica.** — É quase nullo o destacamento do Crato. Com uma cadeia cheia de notabilidades nos fastos do crime, com uma immensa população a policiar, é de facto, muito ridicula uma força de 8 praças.

Por mais de uma vez se tem reclamado d'aqui, fazendo ver ao poder competente a necessidade de seu augmento e da conservação d'este.

Actualmente tudo está barato e a aguardente custa 80 r<sup>o</sup>. a garrafa. Com estes elementos e com o espirito bulicoso, como é, o d'esses homens da ultima classe da nossa sociedade, que se se contém diante da força maior, teremos a lamentar dentro em breve, factos tristonhos, mortes, ferimentos, desacatos, offensas á honra, ás pessoas e ás causas.

É necessario que os Exm<sup>os</sup>. Sr<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Presidente e chefe de Policia da provincia nos ouçam e nós attendam.

É melhor prevenir.

**Passamento.** — Falleceu na cidade da Barbalha o Sr. Manoel Victorino da Silva, que estava exercendo o cargo de delegado de policia.

Acommettido da febre de mar caracter que ali grassa, durou apenas algumas horas, não porque, omal fosse mortal, segundo nos inferiam, mas porque não teve a devida cautella com os medicamentos aconselhados.

O fardo era geralmente estimado. Milita-

va nas fleiras conservadoras e ultimamente estava prestando relevantes serviços á causa publica.

Nossos pesames a sua familia.

**Era Nova.** — Fomos mimoseados com dous números, o 2<sup>o</sup>. e 3<sup>o</sup>. do primeiro anno da *Era Nova*, interessante periodico academico, que se publica no Recife.

É jornal bem elaborado, escripto por boas e impollutas pennas e que dá boas horas de leitura sã e aprasivel.

Agradecemos a delicadeza do mimo e retribuiremos.

**Desapparecimento.** — Segunda-feira desappareceu do engenho Batateira, de casa do Sr. Jurumenha, onde se havia hospedado um comboieiro de Iguatú.

O caso passou-se assim: Vindo seus companheiros para a feira o deixaram no rancho com dous filhos menores; ao meio dia chamou os filhos e foi com elles ao pfeiro, aonde os deixou, dizendo ir tirar uns olhos de palmeira. Demorando muito, seus filhos vão até as palmeiras e não o encontram. Voltam ao rancho onde acham os companheiros e communicam o facto. Estes o procuraram em vão, batendo o matto e até hoje não ha noticia do pobre homem desapparecido.

**Matadouro publico.** — Abaterão-se para o consumo publico da cidade durante o mez de Junho p. passado — 204 rées.

## COLLABORAÇÃO

\*\*\*

Duas razões, ou antes dous factos chamão-me hoje a imprensa. Por isso meu artigo constará de dous paragraphos.

Um diz respeito ao poder publico; pode-se dizer uma reclamação do povo. O outro é apenas um grito d'alma; pode-se dizer um appello á população e pode-se tambem chamar uma censura.

São ambos de muito interesse para o Crato e de necessidade mesmo, devido a sua posição de cidade florescente, populosa e civilisada.

Mas, vamos ao assumpto:

§  
A febre grassa intensamente na cidade da Barbalha.

A morte ceifa despiadosa aquella população.

Os minguados recursos de que dispõe, postos em acção, tem sido inefficazes para debellação do mal, que parece encontrar

nelles um meio de incremento.

Dentro em pouco, ella, que nos ameaça, estara aqui lavrando como ali, despiedosa e insaciavel.

E que de estragos não soffrerá a nossa cidade, se, por ventura for invadida!

Que de desolação não haverá!

Procuem, pois, uni por todos, todos por uns, os meios de evitar que o mal a nós se chegue. —

Comecemos pelo accio individual e collectivo. Accio no corpo, nas roupas e nos alimentos.

A ameaça é seria — precisa de muito cuidado.

A Camara municipal tem a peito o accio da cidade: faça valer sua autoridade.

Não é tempo de concessões: o perigo é grande e commum. A luta que vai travar-se é desesperada. O inimigo que se chega sobre nós, não se acamata e acamata por todos os angulos.

Faz como redutos as immundicies.

E se a Camara municipal continuar a tolerar-as, se lhe faltar energia, se perder o prestigio de corporação administrativa, então, tudo será baldado, de nada servirá o esforço individual — a febre vem a galopar sinistra como o dino alance na mão.

E ahi o povo. Ah! de nós todos.

Recordo-me de que no entrar do anno a Camara mandou que fossem retirados da cidade os porcos. Recordo-me d'isto e recordo-me tambem que mais ou menos foi cumprida a ordem da edilidade.

Mas deixarem passar alguns mezes e quando o calor vem chegando, quando é necessario mais accio, ahi vem de novo para a cidade ns romedoras creaturas da raça suina! Ahi vão ellas revolvendo os monturos, levantando os miasmas adormecidos.

Ahi estão ellas percorrendo livremente a cidade.

Faz-se necessaria nova ordem da Camara, mas uma ordem que não se desmoralise, que não cadaque pelo uso.

O meio, o unico, de evitar que venha o mal é a limpeza.

Haja accio nos homens e nas cousas.

É o recurso contra o inimigo e é a arma de começo do combate.

Vivemos em puro carolismo.

Todas as manifestações exteriores são extravagantes e ostentosas.

O palavriado pretencioso deixando uma indicação de virtude sobre o mesmo individuo que falla, uma visita quotidiana á matriz para que todos vejam e digam que tal é religioso, misto, somente n'isto, cifra-se a religião da nossa terra.

Ha excepções honrosissimas, que folgamos de reconhecer-as, mas estas excepções veem confirmar a regra geral, e se lerem este artigo pensarão com nossoo.

Mas, dizamos, que a religião da nossa terra cifra-se no palavriado pretencioso e nas visitas ostentosas e temos a prova da arrojada proposição. Provamos que não ha religiosidade, mas intolerante e feroz carolismo.

Provamos que a devoção não é sincera, que o culto é fingido, pois, deixa de haver o toda a vez que se celebra um acto que demande um pouco de esforço da parte do devoto e o tire dos seus commodos, sem trazer o merito da extrema publicidade.

Onde está a devoção, onde a adoração de um Deus todo poderoso, onde está a fé e religiosidade do povo — se o proprio Deus quando sac á cidade vac quase sor.

Que maior prova de amor e caridade do que acompanhar os visitas aos enfermos?

Mas n'isto não se fallará, todos acham que é dever do catholico — seja elle quem for, acompanhar o S. Sacramento. Falta ao acto um dos caracteristicos da devoção da terra — a notabilidade.

E por isso só a umbella dá serviço.

Não ha numero de pessoas bastante, quando sac o Sacramento para que este possa ir debaixo do pallio. É uma lastima!

Gremos assim ter mostrado que poucos têm religião, tendo a maior parte perfeito carolismo. O que mais nos ee da creatura é mais desprezado. O que ha de mais precioso no culto catholico — ficou no abandono.

E foi por isso que dissemos ao começar esta parte do nosso artigo, e ainda agora o affirmamos:

Vivemos em puro carolismo.

John

LITTERATURA

MOTEE

O Crime que causa amor

Glossa

Da razão é lei sublime,  
 Que se ame com singeleza,  
 O que manda a natureza,  
 Não se pode chamar crime.  
 O céu mesmo é quem imprime  
 Nos peitos este almo ardor,  
 Longe fanático horror,  
 Que a tantos povos illude,  
 Não é crime, antes virtude  
 — O crime que causa amor.

Quem tem a paixão reprimida,  
 Esse sim, esse é culpado,  
 Mas amar e ser amado  
 Não se pode chamar crime...  
 Sigamos a lei sublime  
 Do supremo Criador,  
 Gozemos o puro ardor,  
 Que a natureza acendeu,  
 Se é crime, é crime do céu  
 — O crime que causa amor.

Systema que nos opprime,  
 Chama delicto a innocencia,  
 Mas amor — de um Deus essencia  
 Não se pode chamar crime.  
 Ninguém perpetrar se exime  
 Terno crime seductor;  
 O animal, a planta, a flor,  
 Vivem de amorosa lida,  
 É crime que nos dá vida  
 — O crime que causa amor.

Pela voz da razão se exprime  
 A luminosa verdade,  
 Sacra lei da Divindade  
 Não se pode chamar crime.  
 « Humanos, eis, segui-me  
 Nos diz celeste Mentor:  
 « Crime do céu é melhor  
 « De que a virtude da terra...  
 « É crime que a gloria encerra  
 « — O crime que causa amor... »

Dr. Barros Falcao

VARIETY

EM LEILÃO

Foi um sonho, um peçadão  
 Talvez, quem sabe? insana!  
 Entretanto, eis o quadro  
 Triste quadro, que eu vi:  
 É uma praça immensa, vastá,  
 E por isso... não existe a  
 Estrangeiros... bucinados.

Em completa confusão  
 Se agrupavam n' um balcão  
 De proporções colossaes.

Era um bazar, uma festa,  
 Um mercado nunca visto  
 Tudo vendia-se ali  
 Desde a sã moral de Christof  
 Mil empregos, privilegios,  
 Attestados de collegios,  
 Deputações, senatorias,  
 Barões, viscondados  
 Marquezados, consulados  
 E uma porção de historias.

O compadre de um ministro  
 Arrematava por pandega,  
 De sociedade com elle  
 A direcção d' uma alfandega.  
 Outro, emigrou atilhado  
 De tal ou tal deputado  
 Obtinha tuez melqueiras  
 No mesmo decreto regio.  
 Era um grande privilegio  
 D' explorar as albigoiras.

De repente, o leiloeiro  
 Dando um golpe de martello  
 Apegou com voz forte  
 Um novo lote mais bello,  
 É fazenda das mais finas!  
 Tem ricas, immensas minas  
 D'ouro, prata e de cacvão  
 Nas suas matas occultas  
 Muitas terras inda incultas  
 Implorando a emigração.

Tem climas quentes e frios,  
 Zona ardente e temperada  
 É daqui a dois mil annos  
 Ha de ser mui procurada  
 Esta sobeoba nação!  
 Vamos, senhores, então?!...  
 Ninguém lançava um settil.  
 E de balde o leiloeiro  
 Repetia ao mundo inteiro:  
 ...Quanto dão pelo Brazil?

Retr.

ANNUNCIO

A VISO

Constantino Gonçalves Vianna avisa a  
 seus fregueses, que sabendo por alguns dias  
 até Milagres acompanhado de seu official de  
 tenda, José Antonio da Giramaeirão; deixa  
 encarregado de seus negocios a seu irmão  
 Alexandre Gonçalves Vianna, com autorisa-  
 ção para receber o que tiverem de lhe dar  
 por conta de debitos; e fazer quaes quer  
 obras que precisem; garantindo a qualidade  
 do ouro que de seu trabalho, quer do de  
 seu irmão, na razão da incommoda.